

## AS CONTRADIÇÕES DO TURISMO DE FAVELAS NO RIO DE JANEIRO

GIOVANA DE MATOS BANDEIRA<sup>1</sup>; AMANDA CARRICONDE DUQUIA<sup>2</sup>;  
ADRIANA ARAÚJO PORTELLA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – gi\_matosb@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – amandaduquia@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – adrianaportella@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Uma característica marcante do Brasil é a presença de favelas, que o IBGE chama atualmente de aglomerados subnormais. Estas áreas são caracterizadas como um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia, pública ou particular, e estando dispostas de forma desordenada e densa (IBGE, censo 2010).

Como são áreas com habitações precárias, desprovidas de regularização, planejamento urbano e serviços públicos (água tratada, esgoto, escolas, posto de saúde, entre outros) são caracterizadas por abrigarem pessoas de baixa renda e com baixa qualidade de vida. Por ocupar áreas impróprias e pela fragilidade dos barracos, esses são frequentemente atingidos por deslizamentos de terra, terremotos, tempestades, incêndios, enchentes, entre outros.

Este trabalho apresenta uma breve análise no uso das favelas do Rio de Janeiro como destino turístico, sendo analisados os pontos negativos e positivos desta prática, principalmente para o local e sua população.

Segundo dados do IBGE, duas em cada dez pessoas que vivem no Rio, moram em favelas. São cerca de 800 comunidades, quase dois milhões de pessoas que sobrevivem à falta de esgoto, água potável, saneamento, hospital, escola, segurança, entre outras dificuldades cotidianas.

Apesar de todos os problemas sociais, econômicos e de infra-estrutura encontrados nas favelas, há uma tendência de tornar estes lugares pobres e segregados em atração turística. Tudo isso faz com que as comunidades se tornem atrativas aos olhos de estrangeiros, por se tratar de uma cultura completamente diferente da qual estão acostumados. Atraídos pelo que vêm na mídia sobre a vida perigosa nas comunidades cariocas, os turistas procuram cada vez mais conhecê-las.

São, ao todo, 52 favelas situadas na zona sul da cidade, que recebem uma média anual de 40 mil visitantes. Várias agências vêm buscando desenvolver o potencial turístico de favelas cariocas com passeios, que, dependendo da agência turística, podem ser feitos de jeep ou moto, de van ou a pé.

A prática de turismo em áreas periféricas é apontada pelas agências como solução para problemas econômicos da região, para aumentar a autoestima da população, além de conscientizar turistas e compartilhar recursos e conhecimento entre pessoas que não teriam se encontrado se não fosse o turismo.

Com a candidatura da cidade à sede dos jogos Olímpicos de 2016 (LEGADO BRASIL, 2011), o número de turistas estrangeiros irá intensificar-se tanto na cidade como um todo, quanto nas favelas. Por isso, grande parte do processo de investimentos e realizações de projetos para a melhoria da imagem

da cidade abrange as comunidades carentes, que são as mais necessitadas de renovação. Unidades de polícia pacificadora têm sido implantadas desde então, facilitando a proliferação do turismo de favela.

## 2. METODOLOGIA

Para estudo do tema turismo em favelas foi escolhida a cidade do Rio de Janeiro, pois nela há a maior concentração de favelas no Brasil e é onde o turismo é marcante.

Para a realização do trabalho houve inicialmente uma revisão bibliográfica sobre o tema. E, a fim de investigar se o turismo nas favelas é benéfico ou prejudicial para as comunidades, foram feitas pesquisas em blogs, tanto das agências de turismo quanto os blogs feitos pela população residente nas favelas e de ONGs das comunidades.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade do Rio de Janeiro é conhecida mundialmente pelo seu grande potencial turístico, sendo uma das mais visitadas por turistas internacionais. Além das paisagens naturais e dos pontos turísticos tradicionais, como Cristo Redentor, Corcovado e Pão de Açúcar.

Apesar disso, existem muitas polêmicas envolvendo este tipo de turismo em comunidades. Alguns defensores dos direitos humanos compararam à prática aos safáris da África, alegando que os moradores são tratados como bichos que ficam de amostra aos “gringos turistas”, já que muitas vezes os passeios são feitos de jeep onde os visitantes fazem um *tour* fotografando os moradores (Figura 3).



Figura 3: Turistas em visita à favela da Rocinha - RJ.

Fonte: <http://www.riomaximo.tur.br/rio-de-janeiro/favela-tour-na-rocinha/>

É necessário fazer uma análise de quem é realmente beneficiado com esta prática, pois os lucros financeiros gerados vão em grande parte para as pessoas proprietárias das agências e pouco revertem em melhorias e investimentos nas comunidades. E essas visitas, ao contrário de conscientização e mobilização social, podem gerar um turismo de observação da pobreza e do sofrimento.

Há também quem defenda o turismo de favela como forma de desenvolver a economia local, através da venda de artesanato e produtos em geral, como forma de complementar a renda dos favelados.

Como um exemplo de ponto positivo está o teleférico que foi instalado na favela Complexo do Alemão em 2011 (Figura 4). O equipamento atende a uma média de 12mil pessoas diariamente e apesar de a grande maioria do público ser de turistas, os moradores do local têm direito a duas passagens gratuitas diárias, e usam-no como meio de locomoção. Além de que dos 250 empregos que gerou, 60% do quadro dos funcionários é composto por moradores do Complexo do Alemão.



Figura 4: Teleférico instalado no Complexo do Alemão em 2011.

Fonte: <http://www.rj.gov.br/web/setrans/exibeconteudo?article-id=1400288>

Os moradores afirmam que não estão participando do processo de planejamento das novas obras, apenas sendo informados de como irão ser feitas. Reclamam também da forma de como são comunicados sobre a remoção das suas residências, sendo apenas advertidos sobre a data em que a remoção será efetuada, sem aviso prévio.

É evidente que as favelas precisam estar na pauta das políticas urbanas de preparação da cidade dos Jogos Olímpicos e, sobretudo, após o evento de 2016. Os projetos deviam ser baseados na construção de vínculos efetivos de integração da cidade às favelas, especialmente mediados por políticas de qualificação das moradias e de serviços urbanos afeiçoados às histórias de cada comunidade, à fisionomia urbana construída e às experiências de sociabilidade destes territórios.

Isto significa reconhecer a legitimidade social da presença das favelas na cidade, respeitando os imensos esforços empregados na construção das moradas populares e, sobretudo, efetivar direitos sociais, a partir de investimentos públicos

no campo da educação, da cultura, da geração de trabalho e renda, da segurança e da habitação.

#### **4. CONCLUSÕES**

Com base nestas análises é possível concluir que o turismo em favelas tem aumentado, é um negócio rentável para as agências de turismo envolvidas e em alguns casos os moradores são beneficiados. Além de ser um destino procurado pelos estrangeiros e uma realidade cotidiana para seus moradores.

No entanto, se tratando de relações sociais e éticas, gera uma polêmica principalmente por pessoas se tornarem atração de fotos e filmagens por serem de uma classe social desfavorecida e morarem em tal lugar.

Em relação aos jogos de 2016, a falta de inserção da participação da população das favelas nos novos projetos de qualificação urbana, demonstra o descaso da prefeitura e das demais instituições envolvidas, com o bem-estar e com a qualidade de vida dessas pessoas, evidenciando que o interesse dos mesmos está voltado para o lucro da cidade com os jogos Olímpicos.

Para que a requalificação de um espaço urbano seja bem sucedida, é preciso que a população local seja integrada ao processo de planejamento e participe integralmente do projeto.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVITO, Marcos. **Um século de favela**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. Monografias / Dissertações / Teses

BARRETO, M. "O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo", *Horizontes Antropológicos*, 9(20). Porto Alegre: Editora UFRGS. 2003

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: Aglomerados subnormais, informações territoriais**. 2013.

*et alii*. (2008) "Ética, estética e consumos possíveis: Notas etnográficas sobre turismo em uma favela carioca". *Os Urbanistas*, Vol. 5, n. 3.

URRY, John. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Nobel, 1990